

Da última ceia à atual forma da celebração eucarística

Do tempo dos Apóstolos ao século III

Para as primeiras gerações cristãs, o contexto da refeição foi de grande importância para a compreensão e celebração da Eucaristia.

A primeira evolução é a que nos é testemunhada já pelos relatos do NT: a união dos ritos do pão e do vinho no final da refeição, com as respectivas bênçãos. Bem depressa, porém, a tendência será a do desaparecimento da refeição. Em muitas comunidades manteve-se ainda durante algum tempo o *ágape*, uma refeição fraterna unida ou não à Eucaristia, mas a tendência crescente foi a de desligar tais refeições da Eucaristia propriamente dita. O aumento numérico dos cristãos terá sido um dos factores que levou ao desaparecimento progressivo do *ágape*; mas também o contacto com outras áreas culturais, menos sensibilizadas para o significado de tal ato. Esquemáticamente, a evolução foi a seguinte:

- Eucaristia com a refeição no meio (relatos de Lc e 1 Cor)
- Eucaristia no final de refeição (1 Cor 11, Mt e Mc)
- Eucaristia e *ágape* separados, a horas diferentes
- Eucaristia sem *ágape*

Esta evolução ritual foi acompanhada de uma evolução no modo de entender a própria Eucaristia. É significativo que o desaparecimento das designações “fração do pão” e “ceia do Senhor” tenha acompanhado o desaparecimento da refeição. Progressivamente, é o termo “eucaristia” que se impõe, o que indica que a categoria de bênção e acção de graças prevalecia na interpretação do significado da Eucaristia. A acção de graças solene, presidencial, tende a desenvolver-se.

A *Didaqué* ou *Doutrina dos Doze Apóstolos* (cerca 90-100). Este documento permite-nos ver a transição da idade apostólica para o período posterior. A *Didaqué* trata da Eucaristia nos capítulos 9 e 10; há ainda uma referência no capítulo 14. Em relação a *Didaqué* 9-10 (AL 202-203), não há consenso sobre se estas orações se referem à Eucaristia ou se se trata de orações para o *ágape* cristão. Segundo E. Mazza, a *Didaqué* descreve verdadeiramente a celebração eucarística, que pode ser posta em paralelo com o relato de Lc (versão longa) e com a ceia festiva judaica. A Eucaristia inicia com o rito do cálice, acompanhado de uma curta bênção (9, 2); segue-se o rito do pão, também acompanhado de uma bênção (9, 3), à qual se acrescenta um desenvolvimento (um embolismo) com uma oração pela unidade (9, 4). Estes ritos e bênçãos correspondem ao *quiddush* da refeição festiva judaica. Seguiu-se a refeição propriamente dita. No fim da refeição, fazia-se a solene oração de acção de graças: uma *birkat ha-mazon* cristã (10). Mazza sublinha a proximidade entre esta descrição da *Didaqué* e o relato de Lc, mas igualmente os importantes pontos de contacto com 1 Cor 10, 16-17 (o rito eucarístico da Igreja) e 1 Cor 11, 23-25 (relato da instituição da Eucaristia). A união dos ritos do cálice e do pão, com as respectivas orações de bênção, e com a acção de graças (*birkat ha-mazon* cristã) dará origem à oração eucarística como texto único. Esta evolução é depois observável no livro VII das chamadas Constituições Apostólicas, obra composta em Antioquia em 380 com materiais precedentes. Esta celebração depende diretamente da *Didaqué* 9-10, mas já sem a refeição e com a inversão do rito do cálice (depois do rito do pão): *Constituições apostólicas*, I, VII, 25-26 (AL 1569-1570).

A Eucaristia celebrava-se no Domingo e exigia a reconciliação com os irmãos, como preparação imediata para a celebração:

“No dia do Senhor reuni-vos para a fração do pão e a acção de graças, depois de terdes confessado os vossos pecados, para que o vosso sacrifício seja puro. Quem tiver alguma desavença com o seu irmão, não se reúna convosco antes de se reconciliar, para que não seja profanado o vosso sacrifício.” (*Didaqué* 14: AL 207)

O mais importante testemunho do século II deve-se ao mártir S. Justino. Por volta do ano 150, escreve a sua primeira Apologia. Nessa obra fornece-nos informações preciosas sobre a forma de celebrar a Eucaristia em meados do século II e sobre a teologia eucarística.

S. Justino apresenta duas descrições da Eucaristia: uma no contexto da iniciação cristã (capítulo 65); outra, a celebração dominical (capítulo 67). Quanto à primeira, depois do Batismo e dos ritos pós-batismais, os “iluminados” uniam-se pela primeira vez à assembleia, na oração universal. Segue-se a descrição da liturgia eucarística:

“Pela nossa parte, depois de assim termos mergulhado [na água] aquele que acreditou, conduzimo-lo até ao lugar onde se encontram reunidos os que se chamam irmãos, a fim de elevarmos fervorosas orações em comum por nós mesmos, por aquele que foi iluminado e por todos os outros dispersos pelo mundo, para que, tendo conhecido a verdade, sejam dignos de ser encontrados perfeitos na prática das boas obras e fiéis no cumprimento dos mandamentos, para assim alcançarmos a vida eterna. Terminadas as orações, saudamo-nos uns aos outros com o ósculo, e em seguida, traz-se àquele que preside aos irmãos, pão e um cálice de água e vinho misturado. Ele, tomando-os, eleva um hino de louvor e glória ao Pai do universo,

em nome Filho e do Espírito Santo, e pronuncia uma longa ação de graças por todos os benefícios que d'Ele recebemos. Quando o presidente termina as orações e a ação de graças, todo o povo aclama, dizendo: *Amen. Amen*, na língua hebraica, quer dizer *assim seja*. Depois de o presidente ter recitado as orações e do povo inteiro ter aclamado, aqueles que nós chamamos diáconos distribuem o pão, o vinho e a água, sobre os quais foram dadas graças, a todos os que estão presentes, e levam aos ausentes. (*Apologia I, 65, 2-5: AL 395*)

Quanto à celebração dominical da Eucaristia, o testemunho de S. Justino é o seguinte: “E, no chamado dia do Sol, reúnem-se num mesmo lugar todos os que moram nas cidades ou nos campos, e lêem-se, na medida em que o tempo o permite, as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas. Quando o leitor termina, o presidente toma a palavra para fazer uma exortação, convidando os presentes a imitar tão belos ensinamentos. A seguir pomos-nos todos de pé e elevamos as nossas preces e, como já dissemos, logo que as preces terminam, apresenta-se o pão, o vinho e a água. Então, aquele que preside eleva, com todo o fervor, preces e ações de graças, e o povo aclama: *Amen*. Depois, procede-se à distribuição dos dons sobre os quais foi pronunciada a ação de graças; cada um dos presentes participa deles, e os diáconos levam-nos também aos ausentes. [...] Reunimo-nos todos precisamente no dia do sol, não só porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, criou o mundo, mas também porque Jesus Cristo, nosso Salvador, nesse dia ressuscitou dos mortos”. (*Apologia I, 67, 3-7: AL 397*)

Este testemunho é importante pois nos mostra que, por volta do ano 150, a celebração eucarística tinha já a estrutura fundamental que hoje apresenta: liturgia da Palavra, com leituras, homilia, oração universal e rito da paz; liturgia eucarística, com apresentação dos dons, oração eucarística e comunhão. Esta estrutura apresentada por S. Justino acompanhará a Igreja até aos nossos dias.

A *Tradição Apostólica* (cerca de 215) apresenta-nos o primeiro texto de uma Oração eucarística. Esta é a fonte da Oração eucarística II do atual Missal. Não era um texto normativo ou obrigatório, para ser seguido, mas sim um modelo, que serviria de base e ajuda para compor as orações. Vejamos, então, o texto:

O Senhor esteja convosco.

Respondem todos: E com o teu espírito.

Corações ao alto.

Já os elevámos ao Senhor.

Dêmos graças ao Senhor.

É digno e justo.

E prossiga assim:

Nós vos damos graças, ó Deus, por Jesus Cristo, vosso muito amado Filho, que nestes últimos tempos nos enviastes [como] Salvador, Redentor e Mensageiro da vossa vontade. Ele é a vossa Palavra inseparável, por quem tudo criastes e que, porque assim foi do vosso agrado, enviastes do Céu ao seio de uma Virgem. Tendo sido concebido, fez-se homem e manifestou-se como vosso Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem.

Para cumprir a vossa vontade e adquirir para vós um povo santo, estendeu as mãos enquanto padecia, para livrar do sofrimento os que confiaram em Vós.

Na hora em que Ele se entregava voluntariamente à Paixão para destruir a morte, despedaçar as cadeias do Diabo, calcar aos pés o Inferno, conduzir os justos à luz, estabelecer a lei [da fé] e manifestar a [vitória da] ressurreição, tomou o pão e deu-vos graças, dizendo: Tomai e comei, isto é o meu Corpo, que será destruído por vós. De igual modo, tomou o cálice, dizendo: Este é o meu Sangue, que será derramado por vós. Quando fizerdes isto, fazei-o em memória de Mim.

Por isso, lembrando-nos da sua morte e da sua ressurreição, nós vos oferecemos este pão e este cálice e vos damos graças, porque nos julgastes dignos de estar de pé diante de Vós e de vos servir como sacerdotes.

Nós vos pedimos que envieis o vosso Espírito sobre a oblação da santa Igreja. Reunindo na unidade todos aqueles que participam nos vossos santos [mistérios], dai-lhes a graça de serem repletos do Espírito Santo, para fortalecerem a sua fé na verdade, a fim de que vos louvem e glorifiquemos pelo vosso Filho Jesus Cristo, pelo qual a Vós a honra e a glória [Pai e Filho], com o Espírito Santo, na santa Igreja, agora e pelos séculos dos séculos. Amen.

(*Tradição Apostólica 4: AL 778*)

Nesta Oração eucarística temos já os elementos constitutivos das várias Orações eucarísticas.

Posteriormente, apenas a entrada do *Sanctus* nas Orações eucarísticas provocará alterações, mas será o último elemento constitutivo a entrar neste tipo de oração.

Este texto não se destinava a ser lido ou recitado de memória: era antes um modelo inspirador, como refere o autor da *Tradição Apostólica*: “O bispo deve dar graças como dissemos acima. Não é necessário, de forma nenhuma que, ao dar graças a Deus, ele pronuncie as mesmas palavras que mencionámos, como se fizesse esforço por dizê-las de cor. Reze cada um segundo as suas possibilidades. Se alguém for capaz de rezar por bastante tempo e dizer uma oração solene, está bem. Se alguém, quando reza, disser uma oração mais pequena, ninguém o impeça, contanto que tal oração seja correta e ortodoxa” (9: AL 783).

Desde o Século IV

Um momento importante no desenvolvimento dos elementos da celebração foi a liberdade de culto dada à Igreja pelo imperador romano Constantino, em 313, pois permitiu um notável desenvolvimento da liturgia cristã. Não tendo já de se esconder, os cristãos adaptam espaços para templos cristãos, ou fazem construções de raiz. A celebração ganha solenidade e visibilidade. Desenvolve-se a parte ritual. Floresce a composição de Orações eucarísticas e de outros textos de oração.

De assinalar o desenvolvimento dos três momentos processionais: a procissão de entrada, o ofertório e a comunhão. Tratam-se de “soft points” no conjunto celebrativo: pontos “débeis” não no sentido negativo, mas no sentido de pontos particularmente sujeitos a mudanças e acrescentos ao longo de toda a história da celebração. O ósculo da paz, que encontramos como conclusão da Liturgia da Palavra, passou para os ritos que antecedem a comunhão no século V, com S. Gregório Magno. Os cânticos enriquecem a celebração: além do *Sanctus* e do cântico da comunhão, entra na celebração o *Kyrie* e o *Glória*; depois, o *Agnus Dei*.

Da criatividade à codificação. A partir do século IV e até ao século VI, floresceu a composição de Orações eucarísticas e de outros textos de oração. Lentamente, começou-se por fixar o texto da Oração eucarística. Depois, elaboraram-se as listas de leituras para cada celebração. Posteriormente, fixaram-se também os outros textos de oração.

Mudanças na conceção teológica da Eucaristia. Pouco a pouco, a conceção de Eucaristia vai sofrendo alteração significativa, a par de progressivas alterações na forma de celebrar. A Idade Média conheceu duas grandes controvérsias, que marcarão o desenvolvimento posterior da teologia da Eucaristia, com consequências para a celebração. Ambas as controvérsias versam sobre o modo de entender a presença de Jesus Cristo na Eucaristia.

A primeira dessas grandes polémicas, no século IX, tem lugar na abadia de Corbie (atual França), entre dois monges: o abade Pascásio Radberto e o seu discípulo, o monge Ratramo. É a primeira grande discussão sobre a “presença real” de Jesus nos dons eucarísticos. A segunda grande polémica, já no século XI, foi provocada por Berengário de Tours, a quem se opôs Lanfranco de Bec e Guitmundo de Anversa. Estas polémicas condicionaram fortemente toda a evolução posterior da teologia eucarística, fixada agora exclusivamente na questão da presença real.

Estas polémicas e a concentração exclusiva sobre a consagração não podiam deixar de ter consequências a nível celebrativo. De facto, a partir dos séculos X-XI assiste-se ao florescimento de um conjunto de gestos de piedade eucarística totalmente desconhecidos do passado.

- A comunhão na mão pelos fiéis desaparece no final do século IX. Num documento do século XI encontra-se a primeira menção à comunhão de joelhos, contrariamente à práxis do 1º milénio, em que a comunhão era sempre recebida de pé. No início do século XII surge a primeira defesa da comunhão sob uma só espécie, prática que se difundiu rapidamente, levando ao desaparecimento da comunhão do cálice pelos fiéis.

- Em inícios do século XII, nasce a elevação da hóstia consagrada, rito desconhecido até então, mas que ganha uma popularidade extraordinária. O desejo dos fiéis de contemplar a hóstia obriga o celebrante a exhibições prolongadas. Nasce o costume, em alguns lugares, de tocar o sino, para que os ausentes acorressem à elevação. Paralelamente, é introduzida pouco depois a elevação do cálice, embora não se pudesse ver o preciosíssimo sangue. Introduce-se igualmente o costume da incensação às elevações depois da consagração, a partir do século XIV. Pela mesma época, surgem as genuflexões do celebrante depois das elevações. A contemplação da hóstia adquire tal importância que chega a ser considerada uma forma de comunhão (comunhão pelo olhar), paralela ou mesmo equivalente, para alguns teólogos, à comunhão sacramental.

- Enquanto se discutia o valor da comunhão pelo olhar, ia diminuindo a participação na comunhão sacramental. Desde há muito que se assistia a uma progressiva redução da participação dos fiéis na comunhão, a ponto de surgirem intervenções do Magistério prescrevendo aos fiéis os mínimos aceitáveis para um cristão. Assim, no século XIII, o Concílio IV de Latrão (1215) sentiu a necessidade de determinar a comunhão ao menos uma vez por ano, na Páscoa.

- Como prolongamento da sagrada exibição da hóstia na missa, nascem as procissões eucarísticas, ligadas à recém-criada festa do Corpo e Sangue de Cristo (instituída em 1264).

- O tabernáculo sofre igualmente uma rápida evolução. Durante o 1º milénio, a reserva eucarística tinha lugar discreto nas sacristias. A partir do século XI começa a ocupar lugar no corpo da igreja, na

proximidade do altar, num cofre móvel. Progressivamente, constroem-se tabernáculos monumentais. Por fim, já no século XVI, o tabernáculo ocupará lugar no próprio altar. Paralelamente, a primeira referência à lâmpada diante do tabernáculo surge no século XI. Para facilitar a exposição eucarística, surgem os ostensórios (o ostensório ou custódia eucarística nasce no século XIV, segundo o modelo dos ostensórios das relíquias de santos) e os tronos.

O Concílio de Trento (1545-1563). A nível celebrativo, o Concílio pretendeu corrigir abusos que entretanto se tinham instalado. A lista de abusos elencados é impressionante pela extensão e pelo tipo de práticas que indica. Não podendo o Concílio fazer a revisão e reforma do Missal, esse encargo foi confiado aos papas seguintes. O Missal Romano foi promulgado efetivamente em 1570, acompanhado de rubricas muito rígidas, com a finalidade de evitar abusos e desvios, e de uniformizar as celebrações em toda a Igreja. O Missal tornou-se obrigatório em todas as igrejas latinas que não tivessem uma tradição litúrgica própria com mais de 200 anos. Esteve em vigor até 1970.

A nível doutrinal, o Concílio pretendeu responder às críticas dos reformadores, que se opunham ao culto eucarístico fora da missa, que consideravam uma forma de idolatria; afirmavam ilícita a missa em que comungava apenas o sacerdote e defendiam que os fiéis deveriam comungar sob as duas espécies; exigem o abandono do Latim na celebração; mas sobretudo negavam a doutrina da presença real e o carácter sacrificial da Eucaristia.